

A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO FEMINISTA EM NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DE MULHERES BRASILEIRAS

Jennifer Andrea Ramos dos Reis (PIC/UEM), Daniele de Andrade Ferrazza (Orientadora), e-mail: reisjennifer_@outlook.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Palavras-chave: subjetividade, feminismo, Psicologia Social

Resumo:

O movimento feminista brasileiro obteve muitas conquistas importantes nos âmbitos sociais, políticos e econômicos relacionados à vida de mulheres, no entanto, muitos outros enfrentamentos e conquistas precisam ser alcançadas. A mulher não tem uma essência biológica pré-determinada, mas sim uma identidade construída social e culturalmente pelas relações sociais, por práticas disciplinares e pelos discursos instituídos, o que torna possível a desconstrução de conceitos normativos impostos pela sociedade na construção de possibilidades de novas subjetividades. Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo compreender a influência do movimento feminista em novos modos de subjetivação de mulheres brasileiras, com foco nos efeitos em sua vida cotidiana e nos discursos atuais das brasileiras. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres estudantes da Universidade Estadual de Maringá (UEM). As entrevistas foram analisadas conforme a análise de conteúdo temática proposta por Bardin. As entrevistadas comentaram sobre a naturalização feita pela sociedade sobre o papel da mulher, responsável pela vida doméstica e criação e educação dos filhos, e que encontra justificativa a partir da sua capacidade de ser mãe, por ser algo da "natureza feminina". Os enfrentamentos pela livre escolha da maternidade rompem com essa definição da mulher, fundamental para liberá-la do lugar central na vida privada e para promover a condição de liberdade e igualdade social. Conclui-se que apesar da maior autonomia e empoderamento que o movimento causa na vida das mulheres, a continuidade da luta feminista é essencial para que se continue existindo novos modos de subjetivação que contrariem modelos machistas e sexistas.

Introdução

Para Michel Foucault (1984), os processos que constituem a subjetividade do sujeito são influenciados pelas formas discursivas do saber e dos dispositivos de poder, ou seja, as relações sociais estão marcadas por dispositivos historicamente constituídos e que provocam a produção de

sujeitos assujeitados. Conforme Rago (2004), as lutas feministas contribuíram para que fossem firmadas mudanças nos códigos morais e jurídicos, nos valores, nos comportamentos, nas relações intra e interpessoais, nos sistemas de representações e no modo de pensar, a partir de uma construção de um “novo olhar sobre si e sobre o outro”, o que poderá tornar o mundo mais filógeno. Dessa maneira, a presente pesquisa teve como objetivo compreender a influência do movimento feminista nos modos de subjetivação da mulher brasileira, para entender como elas tem sua subjetividade constituída e constantemente transformada, tanto por concepções impostas pelo modelo patriarcal, falocêntrico, misógino, mas também pelo seu modo de ser próprio instigado inclusive pelos discursos feministas.

Materiais e métodos

Foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas com mulheres estudantes da Universidade Estadual de Maringá (UEM) com idade entre 20 e 44 anos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, analisadas de acordo com a análise de conteúdo temática e reflexões da literatura especializada sobre o feminismo. A análise foi feita a partir das colocações das entrevistadas, da forma como os discursos foram ditos e dos significados das palavras empregadas pelas entrevistadas para descrever suas experiências.

Resultados e Discussão

O papel da mulher, por muitos anos, foi associado a manutenção da vida doméstica e da criação e educação dos filhos, enquanto aos homens eram atribuídos papéis do sustento familiar pelo trabalho externo e a participação nas decisões públicas da sociedade. Entretanto, até os dias de hoje ainda encontramos pensamentos tradicionais sobre o papel da mulher, como comenta uma das entrevistadas: *“eu vejo ainda essa coisa da mulher dona do lar, casada, que serve o homem e cuida da casa”* (Alice, 22 anos, graduanda de Administração).

A naturalização feita pela sociedade sobre o papel da mulher encontra justificativa a partir da sua capacidade de ser mãe. Com isso, tal papel se inscreve na “natureza feminina” e a ideologia mascara a realidade, fazendo com que uma suposta “superioridade” masculina seja legitimada. Em outra entrevista, uma das estudantes comenta que *“Não é o sexo que determina o que eu devo fazer”* (Joana, 20 anos, graduanda de biomedicina), o que demonstra a insatisfação e não aceitação diante de situações de preconceito e discriminação. Por meio da desnaturalização do papel imposto a mulher considerada adequada e normal, conforme Rago (2004) comenta, o modelo feminino universalizante imposto historicamente pelo discurso médico vitoriano, pelo direito, pela família, pela igreja, em sumo, pelo olhar masculino, pode ser desconstruído e reformulado. Nas colocações de outra

entrevistada, evidencia-se a tentativa de desconstrução de uma única identidade considerada “natural” para a mulher brasileira: *“Não é mulher, são mulheres, cada mulher é diferente da outra”* (Iasmim, 20 anos, graduanda de Direito).

Os enfrentamentos pela livre escolha da maternidade, por meio de contracepção livre e gratuita e do aborto como direito político, levantados principalmente pela luta política das mulheres francesas na década de 1970, rompe com a definição da mulher como naturalmente mãe, o que faz com que a conquista desse direito seja fundamental para liberar as mulheres do lugar central na vida privada, e possa promover a condição de liberdade e igualdade social (SCAVONE, 2001). Uma das mulheres entrevistadas comenta: *“(...) acredito que a maternidade tem que ser uma escolha. A mulher pode se sentir à vontade de querer ser mãe ou não querer, mas ela não tem essa obrigação”* (Graziela, 22 anos, graduanda de Comunicação e Multimeios). Nesse sentido, percebe-se que o processo de desconstrução da definição da mulher em torno da maternidade é um discurso que perpassa algumas mulheres na contemporaneidade brasileira.

Rago (2004) defende que nos dias de hoje as mulheres mais jovens entram de forma diferente no mercado de trabalho e no mundo público do que entravam décadas atrás, empoderadas e com mais autonomia e condições de estabelecer relações de gênero menos hierarquizadas e autoritárias. Nesse sentido, uma das estudantes acredita que *“a mesma capacidade que o homem tem, a mulher tem, o que ele pode fazer, a mulher pode fazer [...], a capacidade cognitiva e intelectual é a mesma, então tem que lutar por igualdades trabalhistas sim”*, (Isadora, 44 anos, graduanda de psicologia). Considerações que parecem aproximar-se das ideias feministas de que é importante lutar pelas mesmas oportunidades e mesmas remunerações destinadas às mulheres e aos homens no mundo do trabalho.

Conforme Rago (2004, p. 2), “[...] o discurso feminista foi incorporado em muitas dimensões, produzindo importantes efeitos na sensibilidade e no imaginário social, claramente perceptíveis na vida cotidiana”. Nesse sentido, uma das estudantes comenta: *“Eu me sinto apoiada pelo movimento e isso reflete bastante na minha vida profissional, na minha vida pessoal. O movimento me conscientiza que eu posso ser da forma que eu quero ser”* (Iasmin, 20 anos, graduanda de Direito). As colocações da estudante parecem evidenciar um discurso que compreende a existência de subjetividades plurais e fluídas, o que poderá permitir que as mulheres sejam mulheres do modo que desejam ser.

Grosz (2002), afirma que o feminismo contribui para que modos de subjetivação e representação também do sujeito masculino sejam retirados das limitações equivocadas impostas pelo patriarcalismo e pelo machismo. Conforme Harding (1991, p. 311, apud Rago, 2004, p. 13):

O pensamento feminista deve fundamentar suas análises críticas da natureza e das relações sociais no âmbito das vidas das mulheres. Entretanto, os homens também precisam aprender como fazer o mesmo a partir das suas condições históricas e sociais particulares, agindo como homens traidores da supremacia masculina e das relações de gênero convencionais.

Nesse sentido, uma das estudantes entrevistada questiona: *“Quem é a mulher para os homens? Precisa avançar como é que eles veem as mulheres, então o movimento feminista também tem esse papel de mostrar quem é a mulher e como é que o homem pode ver a mulher”* (Isadora, 44 anos, graduanda de psicologia). Essas indagações demonstram a preocupação em torno da educação não só das mulheres, mas também dos homens, essencial para que eles tenham a compreensão de um mundo mais filógeno, conforme apontara Rago (2004).

Conclusões

Diante da pesquisa realizada, considera-se que o movimento feminista possibilitou a criação de novos modos de subjetivação de mulheres brasileiras devido as reflexões pautadas na herança da história e conquistas do feminismo que levou a um “novo olhar” das mulheres sobre sua vida e condição na sociedade. Contudo, podemos observar diversos impasses quanto aos pensamentos e atitudes dessas mulheres e a posição em que a sociedade brasileira, ainda patriarcal e machista, as coloca, a qual a criminalização do aborto, o alto índice de violência doméstica e sexual, a pouca atuação das mulheres em cargos públicos/políticos importantes, o pouco reconhecimento da liberdade sexual feminina e a pressão para que a mulher se case e se torne mãe ainda são aspectos presentes nos discursos e práticas sociais no Brasil. Apesar das muitas conquistas realizadas pelo movimento e as muitas mudanças na vida das mulheres, que hoje se encontram com mais autonomia e empoderadas perante a sociedade, ressalta-se que a continuidade da luta é essencial para que se continue criando novas formas de subjetivação que indaguem sobre modelos machistas e sexistas e perpetuem discursos e práticas feministas.

Referências

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Trad. ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 9-17.

GROSZ, Elizabeth. Futuros feministas ou o futuro do pensamento. **Revista Labrys, Estudos Feministas**, 1-2, jul./dez. 2002.

RAGO, M. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: LIMA, C.C.; SCHMIT, S.P. (Orgs.). **Poéticas políticas feministas**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004. p.31-41.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 137-150, 2001.